



ISSN: 1517-7238

Vol. II nº 20

1º Sem. 2010

p. 89-105

DOSSIÊ: LINGUA E CULTURA NA
AMÉRICA LATINA

**REPRESENTAÇÕES DE
ALUNOS DO ENSINO
MÉDIO SOBRE
ENSINO/
APRENDIZAGEM DE
LÍNGUA ESPANHOLA**

JACUMASSO, Tadinei Daniel¹

KRAUSE-LEMKE, Cibele²

LOREGIAN-PENKAL, Loremi³

¹ Docente do Departamento de Letras da UNICENTRO, *campus* de Irati. Mestre em Letras – Linguagem e Sociedade pela UNIOESTE, sendo bolsista da CAPES. E-mail: tadinei@hotmail.com.

² Docente do Departamento de Letras da UNICENTRO, *campus* de Irati. Mestre em Linguística Aplicada pela UCPel e Doutoranda em Educação pela USP, sendo bolsista do CNPq. E-mail: cibelek1@gmail.com.

³ Docente do Departamento de Letras da UNICENTRO, *campus* de Irati. Doutora em Estudos Linguísticos pela UFPR. E-mail: loremi.loregian@gmail.com..

RESUMO: No presente estudo, objetiva-se analisar as representações de alunos de Língua Espanhola sobre esse idioma e como tais representações podem influenciar o processo de ensino-aprendizagem dessa língua, buscando compreender até que ponto eles se identificam com essa língua estrangeira. Assim, participaram da pesquisa alunos do Ensino Médio, regularmente matriculados em escolas públicas e privadas da cidade de Irati/PR, Brasil, que estudam o espanhol como disciplina regular no currículo das suas escolas. Alguns já estudaram o espanhol em outras séries do Ensino Fundamental e outros estão tendo o primeiro contato com a língua no Ensino Médio. O *corpus* deste estudo é composto de questionário formulado pela equipe de pesquisadores. Foram escolhidas quatro escolas públicas e uma escola privada da cidade de Irati/PR, e aplicados os questionários a quarenta e três alunos, no segundo semestre de 2008. Os resultados apontam que a aprendizagem de línguas estrangeiras contribui para alicerçar a atuação do estudante nas mais diversas áreas do conhecimento e amplia sua capacidade perceptiva, tanto no que diz respeito a sua condição de pessoa humana, quanto de cidadão.

PALAVRAS-CHAVE: Representações, Língua Espanhola, Ensino Médio.

RESUMEN: En el presente ensayo, se buscó analizar las representaciones de los alumnos de Lengua Española acerca de este idioma y como tales representaciones influyen en el proceso de enseñanza-aprendizaje de esa lengua, buscando comprender hasta que punto ellos se identifican con esa lengua extranjera. Así, participaron de la investigación alumnos de la Enseñanza Media, regularmente matriculados en escuelas públicas y privadas de la ciudad de Irati/PR, Brasil, que estudian el español como asignatura regular en el currículo de sus escuelas. Algunos ya estudiaron el español en otros años de la Enseñanza Fundamental y otros están teniendo el primer contacto con la lengua en la enseñanza media. El *corpus* de este estudio es compuesto de cuestionario formulado por el equipo de investigadores. Fueron elegidas cuatro escuelas públicas y una privada de la ciudad de Irati/PR, y aplicados los cuestionarios a cuarenta y tres alumnos, en el segundo semestre de 2008. Los resultados apuntan que el aprendizaje de lenguas extranjeras contribuye para fundamentar la actuación del estudiante en las más diversas áreas del conocimiento y amplia su capacidad perceptiva, tanto a lo que se refiere a su condición de persona humana, cuanto de ciudadano.

PALABRAS-CLAVE: Representaciones, Lengua Española, Enseñanza Media.

I INTRODUÇÃO

O ensino de línguas estrangeiras tem crescido muito nos últimos anos. Isso se deve, em grande parte, à competição imposta pelo mercado de trabalho e pela criação dos mercados

comuns de comércio. No Brasil, a criação do MERCOSUL (Mercado Comum do Sul) tem impulsionado, sobretudo, o ensino de Língua Espanhola. Nesse sentido, é comum ouvir que um bom profissional ou um profissional competitivo deve conhecer mais de um idioma, também deve ter bons conhecimentos de informática e se adaptar com facilidade às mais diversas situações de trabalho. Nesse contexto, ganha força o ensino de línguas estrangeiras. Atualmente, há os que defendem que não basta saber um segundo idioma, mas saber um terceiro é fundamental.

No tocante à Língua Espanhola, esta vem ocupando um lugar importante no cenário educacional brasileiro, na medida em que a hegemonia do ensino de Língua Inglesa como língua estrangeira perde força. É oportuno ressaltar que a Língua Inglesa perde força no sentido de que algumas escolas públicas e privadas, que antes ofertavam duas horas/aula semanais de Língua Inglesa, optaram, por exemplo, por ofertar uma hora/aula semanal de inglês e uma hora/aula de espanhol. No entanto, ao mesmo tempo em que oferece a oportunidade da aprendizagem de outra língua estrangeira, tal opção não chega a resolver o fracasso do ensino de inglês na educação brasileira.

Num passado não muito distante, só se ouvia falar do inglês como uma língua importante, já que era a língua internacional, a língua do comércio, sem a qual não se poderia almejar postos profissionais importantes. Embora essa representação construída em relação à Língua Inglesa continue vigente, atualmente não se questiona mais a importância de uma ou de outra língua. É fato que a Língua Espanhola é vista com outros olhos, não mais a partir do entendimento de que quem sabe português sabe espanhol; de que, ao aprender os falsos cognatos, a compreensão estaria garantida; ou, ainda, de que o espanhol, principalmente para os brasileiros, é um idioma extremamente fácil e de que não se necessita estudá-lo para aprendê-lo.

No plano institucional, a implantação da Língua Espanhola como língua estrangeira no currículo das escolas

públicas e privadas já não é mais especulação, mas uma realidade.

De acordo com a Lei nº 11.161, de 05 de agosto de 2005, decretada pelo Congresso Nacional e sancionada pelo Presidente da República, todas as escolas devem oportunizar aos seus alunos o ensino de duas ou mais línguas estrangeiras no período em que o aluno frequentar a escola. Com isso, grande parte das escolas já implantou a Língua Espanhola no seu currículo e outras escolas estão em fase final de implantação. Assim, nos próximos anos, todos os alunos terão a oportunidade de estudar tanto a Língua Inglesa como a Língua Espanhola e/ou outras línguas estrangeiras possivelmente ofertadas pela escola.

Frente a isso, a relevância do presente estudo apresenta-se quando se busca compreender quais são as representações que os aprendizes de Língua Espanhola têm sobre essa língua e como tais representações podem influenciar o processo de ensino-aprendizagem.

No que concerne ao aspecto metodológico, a presente pesquisa tem como foco as representações que os alunos do Ensino Médio, regularmente matriculados em escolas públicas e privadas da cidade de Irati/PR, Brasil, têm a respeito da Língua Espanhola. Vale mencionar que os alunos participantes da pesquisa estudam o espanhol como disciplina regular no currículo de suas escolas. Alguns já estudaram o espanhol em outras séries do Ensino Fundamental e outros estão tendo o primeiro contato com essa língua no Ensino Médio.

O *corpus* deste estudo é composto de questionário formulado pela equipe de pesquisadores, o qual dá margem a respostas dissertativas. É oportuno ressaltar que não houve uma seleção sistemática dos alunos para participar da pesquisa, por entender que eles deveriam participar por livre e espontânea vontade. Foram escolhidas quatro escolas públicas e uma escola privada da cidade de Irati/PR, Brasil, e aplicados os questionários a quarenta e três alunos no segundo semestre de 2008. Entendemos que este é um número significativo de informantes para a análise que ora se propõe. Salientamos,

além disso, que para a coleta dos dados houve autorização dos responsáveis pelas escolas, assim como dos docentes que ministram a disciplina de Língua Espanhola em cada escola. Os respectivos modelos do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), bem como os modelos de autorizações estão em posse da equipe de pesquisadores e disponíveis para consultas, se for o caso. Encontram-se, além disso, em posse dos pesquisadores os questionários respondidos pelos alunos, os quais oferecem os subsídios necessários para ilustrar as análises propostas neste estudo.

2 REPRESENTAÇÃO, IDENTIDADE E APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Ao propormos uma reflexão sobre o que constitui o imaginário de estudantes de Língua Espanhola a respeito dessa disciplina escolar, faz-se necessário recorrer àqueles estudos que versam sobre o ensino-aprendizagem de línguas materna e estrangeira, assim como aos estudos que tratam sobre representações e identidade e lançar sobre eles um olhar mais acurado.

Primeiramente, devemos nos remeter ao encontro do “outro”, quando se aprende uma língua estrangeira. Segundo a autora francesa Cristine Revuz (1998), não são muitos os aprendizes que se lançam com facilidade a esse tipo de encontro linguístico, bem como com as modalidades e com o que vem agregado ao conhecimento de outra língua. Ela afirma que, muitas vezes, “a aprendizagem de línguas ‘estrangeiras’ destaca-se pela sua taxa de insucesso” (REVUZ, 1998, p. 213), devido ao fato de que há, inconscientemente, o gesto de buscar apoio na língua materna quando se quer aprender uma língua estrangeira, já que é a língua materna que constitui, em primeira instância, nossa subjetividade. É assim que Revuz assegura que “o encontro com a língua estrangeira faz vir à consciência alguma coisa do laço muito específico que mantemos com nossa língua” (REVUZ, 1998, p. 215, grifos da autora).

Além disso, de acordo com Revuz (1998), o que pode

caracterizar o fracasso na aprendizagem de segundas línguas é a maneira como se concebe a língua materna e a língua estrangeira pelos sujeitos envolvidos nesse processo. Nota-se que, de acordo com alguns estudos sobre a temática, há uma recorrência a conceitos que tratam as línguas como instrumentos de comunicação. Para ela, “muito antes de ser objeto de conhecimento, a língua é o material fundador de nosso psiquismo e de nossa vida relacional” (REVUZ, 1998, p. 217).

Remete-se, aqui, aos estudos de Calvet, no que tange às definições que são atribuídas às línguas. Para esse autor, “as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes” (CALVET, 2002, p. 12). Logo, não se pode conceber uma língua sem considerar que ela constitui a pessoa.

Postular a língua unicamente como um instrumento de comunicação pode ser um dos fatores que interferem negativamente no processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira. Ela atinge esse valor de instrumento na medida em que é ensinada apenas com um fim nela mesma, a partir de situações forçadas que em quase nada refletem situações cotidianas de comunicação.

Além disso, a língua estrangeira, na maioria das vezes, é vista como só mais uma disciplina do currículo. Ora, imaginar que o sujeito deva gostar da língua estrangeira única e exclusivamente pelos frutos que esse aprendizado pode lhe proporcionar futuramente é, no mínimo, reduzir a língua a quase nada. Sobre isso, Revuz diz que, “afirmar que o desejo de aprender é o verdadeiro motor da aprendizagem é forçar uma porta aberta. Muito frequentemente, contudo, chega-se a essa porta, mas ela não é transposta” (REVUZ, 1998, p. 216), ou seja, há o contato com a língua, mesmo que em um contexto arranjado, como é o da sala de aula, mas não se “aprende” a língua.

De fato, entender a língua como um instrumento de comunicação, da qual o falante faz uso quando necessita e depois a deixa de lado, parece ser um entendimento de língua

um tanto quanto minimalista. Acerca disso, Serrani-Infante afirma:

[...] no atual contexto em que tanto se escutam declarações sobre a necessidade de desenvolver 'competências' em outras línguas, é preciso que se leve seriamente em conta que as línguas diferentes não são meros reservatórios de palavras diversas para as mesmas significações. (SERRANI-INFANTE, 1998, p. 258).

Com isso, a autora considera que as línguas estrangeiras assumem um papel importante na construção das identidades, tanto nos processos em que o indivíduo se encontra imerso no contexto da língua estrangeira, como também quando o sujeito passa pela aprendizagem de línguas estrangeiras em contextos pedagógicos formais. Nesse sentido, segundo a autora, "o encontro com segundas línguas talvez seja uma das experiências mais visivelmente mobilizadoras de questões identitárias no sujeito" (SERRANI-INFANTE, 1998, p. 256).

Ainda assim, vale expor que, segundo Revuz, "muito antes de poder articular o mínimo som, a criança se encontra já imersa dentro de um universo de palavras, e que essas palavras, mesmo que não as possa reproduzir, nem produzir outras a partir delas, não são para ela menos dotados de significação" (REVUZ, 1998, p. 218), e, portanto, fazem parte do seu cotidiano assumindo papel representativo no processo de construção de sua identidade.

No que diz respeito à aprendizagem de línguas estrangeiras, Rajagopalan (2003) afirma que um dos motivos responsáveis pela renegociação das identidades é o contato entre as pessoas, entre os povos e as culturas modificados pela diminuição do espaço e do tempo entre elas. O autor estabelece uma relação no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, considerando, também, como "parte integrante de um amplo processo de redefinição de identidades". Vê nas línguas "a própria expressão das identidades de quem delas se apropria" (RAJAGOPALAN, 2003, p. 69). Então, quem se apropria de uma língua estrangeira

estará, inevitavelmente, integrando-a a sua identidade. É assim que Arroyo (2009) posiciona-se em relação a essa concepção de linguagem, que se transfere, na prática, como concepção de ensino:

En definitiva, el lenguaje no sólo sirve para transmitir informaciones, expresar sentimientos, condicionar a conducta de los demás (o al menos intentarlo) u otras de las funciones (poética, fática...) que desde Bühler (1966) y Jakobson (1956) sabemos que informan las capacidades de la lengua. Complementariamente, ésta se configura a menudo, también, como un "acto de identidad" (Le Page y Tauboret-Keller, 1985), por medio de la cual la gente muestra sus sentimientos de afiliación con algunos de sus semejantes, pero también de desafiliación con respecto a otros. (ARROYO, 2009, p. 123/124).

3 O QUE REVELAM OS DADOS?

Assim como exposto anteriormente, a proposta deste estudo consiste em analisar as representações que os alunos têm a respeito da Língua Espanhola a partir da seguinte questão: O que é saber bem o espanhol? Essa foi a pergunta norteadora desta pesquisa. A motivação inicial dessa pergunta deve-se, em parte, ao estudo proposto por Grigoletto (2000), sobre as representações de alunos no tocante à aprendizagem de Língua Inglesa. Desse modo, interessou-nos observar em que sentido tais representações poderiam se aproximar ou não daquelas estudadas previamente, em outro contexto.

Por meio da análise do *corpus*, chegou-se a alguns enunciados, dos quais foram selecionados, aqui, dois para a análise, considerados pelos pesquisadores os mais representativos. O enunciado mais recorrente versa sobre o entendimento que os alunos têm sobre Língua Espanhola como instrumento de comunicação e objeto responsável pelo crescimento profissional. Nesse enunciado apresentam-se respostas como:

Saber bem espanhol é:
- ter mais chances no mercado profissional hoje em

dia;

- é saber se comunicar em outra língua, não saber por saber, mas sim possuir uma porta para o mundo moderno;
- muito importante para o futuro;
- tem um campo de emprego ampliado para fora do Brasil e também algo a mais na sua aprendizagem.

O enunciado exposto acima faz parte de um discurso recorrente sobre ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, veiculado, principalmente, nas duas últimas décadas. Trata-se de um enunciado que se encontra nos discursos da propaganda e do poder econômico, postos aí o discurso da globalização e da disputa por melhores colocações no mercado de trabalho. Ademais, apresenta, também, a necessidade de comunicação entre os povos de diferentes nações para que se façam as mais diversas formas de transações de riquezas materiais e culturais.

Ao analisarmos esse enunciado, percebemos que há uma espécie de reducionismo da língua, de modo que entender a língua como um instrumento de comunicação é entendê-la como um objeto do qual se lança-mão quando surge uma necessidade e que se deixa de lado quando já não mais se precisa dele. Sobre isso, Grigoletto afirma que “conceber a língua como um simples instrumento de comunicação implica escamotear toda uma gama de funções inerentes à existência das línguas e de relações entre a língua e o sujeito falante” (GRIGOLETTO, 2003, p. 228).

Essas representações sobre o que é saber espanhol, pautadas na noção de “utilidade” da língua, revelam, também, uma característica bastante marcante da formação no Ensino Médio. Não é de hoje que se rediscutem as propostas para a criação de uma formação média mais engajada criticamente, menos atrelada ao tecnicismo. O que subjaz ao processo de formação de tantos jovens é a preparação para o mercado de trabalho, é a sua inserção na cadeia produtiva. Fatalmente, todas as disciplinas do currículo escolar vão sendo trabalhadas

para garantir determinada posição aos jovens: ao concluir o ensino médio, o jovem deverá estar pronto para concorrer no mercado de trabalho. Nesse sentido, uma formação mais humanista, mais focada nos aspectos críticos e interpretativos das disciplinas escolares, dá lugar a um tecnicismo que se expande, inclusive, para aquelas disciplinas que fazem parte do rol das ciências humanas.

Essa formação centrada no mercado de trabalho induz, portanto, a uma segmentação do trabalho com a linguagem: tudo deve ter uma aplicabilidade imediata. Obviamente, esta preocupação com a instrumentalização das disciplinas do Ensino Médio deixou de acompanhar o desenvolvimento nas ciências humanas, nas ciências da linguagem.

Segundo Celada e González (2000), o suposto fracasso no ensino-aprendizagem de línguas no Brasil deve-se, em parte, ao isolamento científico vivido no Brasil durante muitos anos, o que fez com que não se acompanhasse a evolução das teorias linguísticas que vigoravam em outros países, ocasionando a disseminação dessa 'cegueira' ocasional sobre o que é saber uma língua estrangeira. Em suma, sabemos que se trata de uma visão imposta pelo efeito "globalização": aprender uma língua é necessário para que o sujeito possa se inserir nesse grande mercado.

Na mesma direção, essas duas autoras apontam como um fator significativo para o malogro no ensino-aprendizagem de Língua Espanhola um processo de ensino calcado em um pensamento tradicional em relação a como as línguas devem ser ensinadas, permanecendo, ainda, a ideia de que a língua estrangeira é vista e encarada como meio de acesso às literaturas, não sendo considerada objeto de estudo em si mesma.

Para as mudanças necessárias à qualidade de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, é preciso estabelecer um cronograma de mudanças, bem como a avaliação de possibilidades: já não se pode mais aceitar como justificativa para aprender línguas a relação de uso marcada para o futuro, tampouco os discursos que tanto por parte dos professores

como dos alunos e de um sistema em geral, continua a reduzir as línguas a listas de palavras e a meros instrumentos de comunicação, que possibilitam ascensão profissional. Conceber a língua nesses moldes é desconsiderar que a língua é, segundo os postulados da Sociolinguística, tanto um ato individual quanto um produto social que faz parte do ser humano e, portanto, é parte integrante do indivíduo e agente para a construção das identidades.

O segundo grupo de enunciados analisados diz respeito a *o que significa saber bem espanhol*: significa ter domínio completo das estruturas gramaticais dessa língua, bem como ser fluente na língua e ter a pronúncia correta. Encontram-se no *corpus* exemplos como:

Saber bem espanhol é:

- saber a pronúncia correta e os significados das palavras;
- ter o espanhol fluente, compreender, ler e falar bem sem dificuldades;
- saber falar esta língua;
- falar, escrever etc.;
- poder comunicar-se com maior facilidade;
- saber fluentemente a língua. Saber falar e escrever o espanhol e não ter dificuldades com a língua.

Convém discutir aqui, mesmo que de forma breve, os conceitos de língua como um fenômeno homogêneo, inicialmente propostos por Chomsky quando acenava para um falante-ouvinte ideal, ou seja, defendia a possibilidade de um falante nativo com domínio perfeito e completo sobre sua língua e a ideia de que todas as pessoas poderiam aprender de igual forma.

Sabe-se que os estudos chomskyanos contribuíram sobremaneira para o entendimento dos fenômenos linguísticos, principalmente a partir do postulado de que o ser humano possui uma 'atitude' inata para aprender uma ou mais línguas; contudo, é sabido que a concepção idealizada

de Chomsky não atendeu às demandas inerentes à aprendizagem de línguas. Não há como conceber que alguém aprenda todo o vocabulário e as regras de uma dada língua e nem é possível que indivíduos diferentes tenham o mesmo rendimento numa determinada língua e aprendam as mesmas estruturas ao mesmo tempo.

De fato, percebe-se, por meio da análise do último enunciado apresentado, que há uma preocupação por parte dos alunos em considerar que saber bem o espanhol é saber imprimir na comunicação formas corretas de pronúncia e de escrita, além de possuir uma fluência na língua. Essas afirmações reproduzem o imaginário construído sobre a aprendizagem do português, o que é resultado de anos de prática insistindo no conceito de não variedade da língua, no ensino pautado na gramática e nas noções de certo e errado. Desse modo, acredita-se que o discurso do professor em sala de aula assume papel decisivo para a formação desse enunciado, principalmente quando se exige que o aluno se aproxime das formas “corretas” de escrita e pronúncia da língua estrangeira.

Entra, nesse cenário, a voz “poderosa” do professor no sentido de que ele é quem tem o domínio da situação, e as atitudes dos alunos devem ser pautadas nas expectativas que o professor cria em sala de aula. A respeito disso, vale mencionar que

[...] da mesma forma que em outros contextos institucionais (hospitais, prisões etc.), o poder define as identidades sociais dos participantes na escola a ponto de que estes aprendam como exercer o poder sobre si próprios à luz do que o outro – o professor – significa para o aluno e vice-versa. (FOUCAULT, 1977 *apud* MOITA LOPES, 2002, p. 53).

Ao passo que se concebe que saber bem uma língua é conhecer essa língua em sua totalidade, vale voltar o olhar para os estudos de Serrani-Infante (1998), que alicerçam, em parte, este trabalho. Esses estudos desconstróem o conceito

de que as línguas são um depósito de palavras diversas, nas quais se poderiam buscar as mesmas significações. Desse modo, não basta revirar um baú de palavras para que se possa fazer uso da língua em sua totalidade e procurar no baú da língua materna palavras que correspondam ao que se quer usar na língua estrangeira.

Acerca do enunciado sob análise, é válido expor, ainda, que os alunos são alvo de discursos, principalmente em escolas de idiomas, que ofertam produtos, entre eles, a aprendizagem completa, correta e perfeita por meio das aulas ofertadas em seus centros de educação. É comum ouvir que determinados cursos garantem, entre outras coisas, fluência de um nativo, além de conhecimento total e garantido da língua estrangeira a ser estudada. Ora, afirmações como essas deveriam espantar os alunos, uma vez que não condizem com a realidade do ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras; porém, são principalmente por intermédio desses discursos, aliados aos que afirmam que, se não se souber a língua estrangeira, o aluno cairá na armadilha dos falsos cognatos, que chamam a atenção e que motivam os alunos a se matricularem nessas escolas.

É válido ressaltar que, no que concerne à identificação que os alunos têm com a Língua Espanhola, se eles gostam ou não do idioma e se têm facilidade para aprendê-lo, obteve-se resposta afirmativa na maioria dos enunciados analisados; apenas dois estudantes não responderam afirmativamente. Um desses não respondeu à pergunta proposta e o outro mencionou que, apesar de gostar da Língua Espanhola, prefere o inglês e o francês. Entre outros enunciados afirmativos, citamos os seguintes:

- eu gosto e não tenho maiores dificuldades;
- gosto muito, sim tenho facilidade;
- eu me identifico muito com a língua espanhola, gosto muito, tenho grande facilidade de aprender, quanto mais eu aprendo, me torno uma pessoa mais culta;
- me identifico muito com o espanhol, gosto muito, às

vezes, tenho algumas dificuldades, mas na maioria das vezes tenho muita facilidade de aprender;
- me identifico bem. Tenho facilidade de aprender regras e interpretações, por isso gosto do idioma.

Frente a isso, nota-se que os alunos veem o espanhol como algo agradável e que consideram, de certa forma, a importância de se estudar essa língua como língua estrangeira. Além disso, a maioria dos alunos afirma, em suas respostas, que vê na Língua Espanhola, de um jeito ou de outro, oportunidades para ascender pessoal ou profissionalmente. Acredita-se que, pelo fato de o aluno identificar-se com o espanhol, o ensino-aprendizagem pode ser facilitado consideravelmente. Aqui entram questões de motivação, afetividade, entre outras, que são importantes para a produção do saber. Além disso, cabe ressaltar que o contato com uma língua estrangeira mobiliza no sujeito questões identitárias que permeiam sua atividade em sociedade.

Observa-se, finalmente, que o propósito do presente estudo não é o de valorizar nem de questionar o processo e nem as posturas tomadas em relação ao ensino-aprendizagem de Língua Espanhola nas escolas públicas e privadas da cidade de Irati/PR, mas de lançar um olhar sobre as representações que os alunos têm a respeito dessa língua e buscar compreender até que ponto eles se identificam com essa língua estrangeira.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados coletados e por meio das análises efetuadas, houve uma tentativa de mostrar que as representações são difusas no tocante ao que os alunos entendem por saber bem o espanhol. Diante dessa constatação, apresentada na análise dos questionários respondidos pelos alunos, percebe-se que ainda vigora certa homogeneidade dos sujeitos e das representações sobre o que seja aprender uma língua estrangeira, nesse caso, a Língua Espanhola.

Por um lado, apareceram discursos que consideram o

espanhol como ferramenta de comunicação e responsável, até certo ponto, por abrir caminhos no mercado de trabalho; por outro lado, apresenta-se o discurso de que a língua deve ser aprendida em sua totalidade, tanto no tocante à oralidade quanto à escrita.

Outro ponto a ser destacado é o enunciado no qual os alunos se manifestam positivamente em relação ao gosto pela Língua Espanhola, sendo que consideram importante aprender línguas estrangeiras. De fato, são discursos que embasam o aprender e ensinar línguas há muito tempo. Mesmo com o avanço nos estudos da linguagem sobre esse tema, eles não têm força suficiente para serem incorporados às práticas, bem como ao discurso pedagógico. Em vista disso, segue a predominância do discurso do senso-comum.

Diante do exposto, convém sublinhar que, diferentemente do discurso historicamente construído sobre a aprendizagem de inglês, a aprendizagem de Língua Espanhola para esses alunos contribui, sobremaneira, para alicerçar a sua atuação nas mais diversas áreas do conhecimento e, nessa mesma perspectiva, amplia sua capacidade perceptiva, tanto no que diz respeito a sua condição de pessoa humana, quanto de cidadão. Nesse sentido, a Língua Espanhola apresenta-se como um elemento indispensável para a formação e o desenvolvimento do ser humano. Isso porque, ao entrar em contato com outras culturas, ele amplia seus conhecimentos, constrói novos saberes e, conseqüentemente, também se transforma.

A importância deste estudo encontra-se, sobretudo, no fato de que contribui para o entendimento de questões relacionadas ao ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, principalmente no que concerne ao ensino-aprendizagem de Língua Espanhola. Ao observarmos a permanência de um discurso que reduz a aprendizagem das línguas a três grandes enunciados: comunicação, gramática e aspectos motivacionais, vemos abertas possibilidades para trabalhar na perspectiva de desconstruir essas concepções, por meio de um trabalho de formação mais crítico e engajado socialmente. Também,

por se tratar de uma pesquisa *in loco*, foi possível manter um contato mais próximo com o ambiente escolar e isso possibilitou, aos pesquisadores, lançar olhares para questões que em breve poderão vir a se tornar objetos de estudo. Entre eles, sugere-se investigar como outros elementos culturais, além da língua, podem ser trabalhados em sala de aula de modo eficaz.

REFERÊNCIAS

ARROYO, J. L. B. Manifestaciones de la identidad lingüística en el mundo hispánico. In: BUSTOS, J. J.; IGLESIAS, S. *Identities sociales e identidades lingüísticas*. Madrid: Editorial Complutense, 2009, p. 119-157.

CALVET, L. J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. [Trad. Marcos Marcionilo]. São Paulo: Parábola, 2002.

CELADA, M. T; GONZÁLEZ, N. M. Los estudios de Lengua Española en Brasil. *Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos, Suplemento El hispanismo en Brasil*. Brasília: ABEH, 2000, p. 35-58.

GRIGOLETTO, M. Representação, identidade e aprendizagem de língua estrangeira. In: CORACINI, M. J. R. F. (Org.). *Identidade e discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas: Argos Editora Universitária; Editora da Unicamp, 2003, p. 223-235.

MOITA LOPES, L. P. *Identities fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

RAJAGOPALAN, K. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. [Trad. de Silvana Serrani-Infante]. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Língua(gem) e identidade*. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 213-230.

SERRANI-INFANTE, S. M. Identidade e segundas línguas: as identificações no discurso. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Língua(gem) e identidade*. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 231-264.

Recebido em: 27/02/2010.

Aprovado em: 04/05/2010.